

# OITENTA E NOVE.

MONITOR REPUBLICANO DO PIAUHY.

SOB A DIRECCÃO DE—DAVID ROBEIRA CALDAS.

Anno II.

Theresina, 29 de Setembro de 1874.

Numero 38.

O Oitenta e nove será publicado 17 vezes, unicamente, durante este segundo anno de sua existencia; custando a assignatura (paga adiantada) 84000 reis, até o fim de Dezembro. Numero avulso. . . . . 500 reis.

PACIENCIA, FIRMZA E VILANIA. (Gambetta: discurso em 1871.)

Edição deste n.º: 436 exemplares.

Toda e qualquer publicação a pedido será feita a taxa de 30 reis a linha (pagamento a vista) para os estrangeiros, e de 170 para os que o não forem. Anthographos devidamente legalizados; não se admittindo textos de ferro nem anonymos.

## OITENTA E NOVE.

Theresina, 29 de Setembro de 1874.

Não respondemos ha mais tempo o artigo editorial da *Opinião Conservadora* de 4 do corrente, em consequencia da grave molestia que accommettemos ao Ex.º Sr. Dr. Adolpho Lamenha; cujo estado melindroso não queriamos ter a imprudencia de agravar de alguma sorte, tratando de uma questão em que o seu respeitavel nome não podia ficar de parte.

Entretanto, vamos hoje cumprir com o nosso dever; conforme o permittirem os nossos fracos recursos intellectuaes.

Não temos o proposito de entreter uma polemica com a *Opinião Conservadora*.—por isso não responderemos um por um os diversos topicos do referido artigo; sendo certo, todavia, que em nem um d'elles lhe encontramos tanta razão quanto suppõe ter o illustre collega.

O ponto *estrangeiro* em que se fortificou, de nem uma sorte nos parece uma praça inexpugnavel. Vamos accommetta-la, sem com tudo fazer grande empenho de desalojar-o de uma posição onde não pretensões levantar abarracamento,—e d'onde não podemos ser incommodado pelos seus tiros de ricochete, por mais habilmente que possam ser dirigidos. . . .

Este pequeno canhão, especie de salva, é antes um dever de cortezia para com o valoroso adversario.

Não temos em mente fazer uma accusação systematica ao actual administrador; nem tam pouco imaginamos reivindicar os direitos offendidos de um amigo particular, mui digno certamente, mas com quem não entretemos relações de intimidade, que nos torce suspeito de parcialidade.

Move a nossa pena tam somente o sentimento da justiça.

Ha sete annos que somos jornalista; temos pois sufficiente experiencia para que não nos persuadamos que só se angaria popularidade pelo modo que a nosso respeito aprouve imaginar ao collega: os triumphos faceis não nos deslumbão, quando por ventura elles se nos apresentão.

Vamos, porém, ao alvo principal.

No pó em que a *Opinião Conservadora* deixou a discussão, julgamos que a nobre redacção se veria embarçada para resolver-nos agora este problema: «menos que não se amparasse com algum sophisma subtilissimo ou bastante engenhoso?»

—Se por ventura o Sr. Dr. Cruz fosse—incontestavelmente, fora de toda duvida,—um facultativo mais intelligente, mais habil, mais sabio mesmo; o que faria em tal caso o Ex.º Sr. Dr. Lamenha, compromettido como já se achava, a favor do Sr. Dr. Arêa Leão?—

Certamente, nada demoveria o presidente do firme proposito em que estava de satisfazer o seu rigoroso compromisso; ao qual não devera ter se sujeito tão facilmente, como aconteceu e não desconhece mesmo o órgão official.

Concordamos com a *Opinião Conservadora* que ha uma cousa chamada honra e uma outra denominada não, que vedavão ao presidente da revogar o titulo precisamente concedido ao Sr. Dr. Arêa.

Agora, tentão a bondade de ver se é possível tambem conceder com nosco n'este ponto; ao menos n'este ponto:

«Não sendo o presidente tanto abastado do poder,

n'um paiz que se diz livre; mas simples depositario d'essa grande força que não acreditamos que seja de «direito divino»—mas sim emanada da propria soberania do povo constituído em ESTADO; segue-se d'ahi que pelo menos será um cargo, bastante grande, o d'aquelle que disponha d'ante mão de um cargo qualquer, para o qual não se deve suppur que só haja um determinado individuo apto para exercel-o: peite a justiça que o preferido seja o que possa ter mais amplo direito, e isto não deve ser jamais aquilatlado se não opportunamente.

Em taes casos, um presidente mostrado deve abster-se de crear embaraços a si proprio; para que não aconteça encontrar algum cravo na roda do seu carro administrativo, levado pela jumentada constitucional.

O verdadeiro meio de se conservar livre, para poder obrar conforme as circumstancias de momento, que nunca podem ser inteiramente previstas,—é nada prometter, positivamente, d'aquillo que é bem dizer não é de sua propriedade, para que o possa dar mui liberalmente. Um simples depositario do poder publico não deve fazer tal coisa; mas distribuir justiça entre os seus governados, noitamento alheio ás paixões—nascidas do choque de interesses oppositos ou de interesses d'elles.

Ainda uma observação, antes de concluir:

«O governo não pactua com a liberalidade de ninguém», disse a *Opinião Conservadora*, no seu artigo editorial de 3 do corrente; a fim de fazer crer que o presidente desta provincia procedeu acertadamente quando despresou a offerta do Sr. Dr. J. Antonio da Cruz, em beneficio da santa casa de misericordia desta cidade,—com quanto concorde mesmo a folha official, que pelo lado da applidão o Sr. Dr. Cruz pôde mui bem ser equiparado ao Sr. Dr. Arêa Leão!

Decididamente, o órgão conservador já desconhece as tradições da monarchia, neste paiz das condecorações!

Agora mesmo, quantos andão neste vasto imperio—a dar dinheiro e prêmios ao governo—em troca de algumas letreiras que saião do cofre das graças imperiaes!

Assim foi no tempo da edificação do hospicio de Pedro II, e ultimamente por occasião da guerra do Paraguay,—em que os donativos patrioticos erão tidos em grande conta; fechando-se até os olhos para não ver-se que estavamos em pleno dominio do que o collega chama agora propriamente—da *ad des*—entabulado na esphera administrativa.

Todavia, não somos grande apologeta de um tal systema: apenas esboçamos que os revolucionarios já estejam nos arraiaes conservadores,—dispostos a romperem de uma vez para sempre com as velhas tradições da monarchia.

Em 1868 correu com certo que dos cofres da thesouraria da Bahia sahira uma boa somma destinada a *escolas*, sendo estas esborregadas pelas mãos de um genro e de um sobrinho do imperador,—e ainda ultimamente deu-se o caso do sr. conde d'Aquila, tristemente amparado pelo governo brasileiro em Londres; bem como no nosso parlamento, depois da interpellação do illustre sr. Silveira Martins: sentimos, de veras, que nesses casos, o nosso collega não houvesse bradado, egualmente, como no caso da offerta á santa casa de misericordia desta cidade:

«Quem quizer ser generoso a humanidade, seja-o por sua conta, e a sua custa; nunca por conta do Estado e sob a responsabilidade do governo, que ha de tem que ver com isso.»

Como quer que seja, julgamos que a *Opinião Conservadora* vá tendo idéas mais adiantadas que o *Oitenta e nove*.

Lê se no *Diario da Bahia*:

S. Salvador, 9 de Agosto de 1874.

Temos nos artigos precedentes demonstrado a evidencia que não poderá passar este anno a reforma ministerial, que mantém á face do paiz, aggrvando-os, os males e as torpezas do systema eleitoral existente, apesar de denunciados e de desmoralizados perante o espirito publico pelo proprio gabinete.

Assim, se nos calcula mysteriosos da sabedoria que nos rege, entrar a hypothese de uma dissolução das camaras, teremos ainda, como em 1872, de ver e de presenciar esta grande vergonha para um povo—sahir a representação nacional de urnas escravizadas e ostentar o governo como direito á sua existencia, a que elle mesmo qualificou de fraude e de violencia.

Em todo caso deixou de haver entre nós o systema representativo, desde que não se pôde exercer uma das mais altas funções da soberania nacional, pois que, desde que uma camara representativa que ella é o fructo da fraude e da violencia, que está abalado em suas origens o voto popular, a com elle a verdade das instituições, é seu dever imprescindivel, superior a todas,—reformatar esse pessimo systema eleitoral, para que o mais cedo morra o sophisma.

Inevavelmente uma camara, filha da fraude e da violencia, é uma camara nulla, pois que não representa a vontade da maioria, e essa camara, por dignidade e patriotismo, deveria antes de tudo cuidar da reforma eleitoral, e, depois de fazer essa reforma, reclamar a sua dissolução.

Entretanto está a fiudar o terceiro anno da legislatura, e muito provavelmente finalizará o quarto sem que seja lei do paiz o projecto do governo.

Por que? por que contra a vontade unanime e positiva de nação, contra o voto e opinião de todos estadistas de ainho os partidos, surge não sabemos que força mysteriosa, que oblicada omnipotencia, que divindade invisivel que se oppõe aos desejos vehementes do paiz inteiro.

Orá, é perigoso, além de funestissima esta luta no seio de uma nação.

Se triumpho o poder invisivel, a nação jaz escrava de um senhor tanto mais fatal, que é irresponsavel e sagrado; se triumpho o povo, não o fará senão depois de esgotada sua paciencia, e não é sensato agular a ira popular.

Que cumpre fazer portanto para conjurar a temeroso tormenta que se levanta sobre nossas cabeças?

É preciso inutilisar a revolução, entregando á reforma a realisação das idéas que aquella seria chamada a conquistar; é preciso que um dos dois contrarios se resigne a retirar-se da pugna.

Orá, o povo não pôde ceder, e não pôde ceder—por que é o direito; isto é—a justiça; por que é o numero, isto é—a força; por que é a soberania—isto é o poder.

Mas para que o povo não ceda, e para que se faça a reforma, sem o auxilio da revolução, sempre perigosa, de que mais se ha de lançar mão? De que meio mais simples—é necessario que o povo se levante, viril e energico na sustentação de seus direitos.

Toda revolução é um castigo, castigo deplorado—o poder que exorbita e ao povo não obtemperar; o poder é punido pelo abuso, e o povo pelo incerto.

É por isso que, o povo-tudo de revolução é a liberdade, por que a essência da liberdade é a vontade que trax o exercicio de lei na sociedade.

como consequencia da vigilancia ao direito por parte do povo.

O povo brasileiro tem sido até hoje victima de nimia confiança que tocou as raias do delirio.

Foi entre nós theoria l-thal que a politica não devia ser o eucargo de todo cidadão, mas a occupação de uma certa classe, o emprego de um certo numero.

Compenetron-se o povo desta falsa maxima—que a politica não lhe pertencia, não lhe importava.

Do abandono dos negocios publicos por parte do povo nasceu, nem podia deixar de ter nascido, a fraqueza da opinião e o pensamento de crear-se o poder pessoal.

Mas hoje que são conhecidos os progressos do mal e seus effeitos desastrosos, por que não ha de assumir o povo a attitudê que lhe compete?

No dia 2 do corrente teve lugar nesta cidade um meeting em favor da eleição directa: foi um bello espectáculo e um magestoso exemplo.

O que cumpre agora é que o povo não adormeça: ali está a lição constante da sabia natureza: toda a força é movimento.

O ar não pára, o oceano revolve-se continuamente e a luz atravessa milhares de leguas cada segundo.

Por acaso descança a natureza, esta infatigavel artista?

Suspende o coração suas pulsações e deixa uma hora sequer de agitar-se o espirito humano?

E' preciso pois que o povo, que representa a soberania nacional, viva pelo movimento, pela acção, pela vontade.

O espectáculo do dia 2 sirva de nobre estimulo.

Os cidadãos que naquella dia fiz-rão vibrar tantas intelligencias, aquelles que, com a palavra, verbo creador, suscitaraõ tantas esperanças e tanta fé no seio desanimado da população, aquelles que abri-rão uma era nova de vida e de dignidade, aquelles que começaraõ o apostolado sublime da educação politica do povo, não devem descançar.

A tarefa é ardua e longa: são estes os primeiros passos, por ventura os mais difficéis, mas não são os unicos.

O que se fez no dia 2 foi—digamol-o francamente—uma obra de revolução, de revolução pacifica, mas nem por isso menos efficaz.

Se essa revolução parasse em seu começo, se tivesse elle o fim de retrahir-se, se surgisse o dia em que o povo tivesse medo de si, ou, o que ora o mesmo, medo do despotismo, todo estaria perdido, por que ninguem recua senão para mais longe.

Nesse dia fatal não restaria ao povo senão aceitar o jugo: o poder pessoal teria dado sua ultima palavra, e o imperio brasileiro teria tambem o seu *deus de dezembro*, essa epocha fatal á liberdade.

O partido liberal é o partido da propaganda e do povo.

E' preciso que a propaganda siga seu caminho e que o povo, habituando-se á vida politica, accitandose alegre e dedicado seus encargos, habilite se a gozar de suas vantagens e a exercitar seus direitos.

E' preciso que o dia 2 de agosto marque uma nova era e não um facto excepcional na nossa vida politica.

Lê-se no Colombo:

Campanha, 5 de Julho de 1874.

Um distincto collaborador do *Monitor Sul-Mineiro*, em um dos passados numeros desta conceituada folha, diz que o maior mal, a causa principal do atraso relativo do nosso paiz na senda do progresso, está na geral devoção á politica que faz o fundo e o característico de nossa physionomia social.

Si não são as textuâs expressões do artigo á que nos referimos, é este ao menos o seu pensamento.

Ora, esta proposição nos termos em q' foi concebida, nos pareceu erronea e digna de sério reparo.

Nem entre os nossos conterraneos é geral a devoção á politica; nem comprehendemos como pôde ser um mal o que se nos affigura a necessidade, o dever primordial dos povos livres.

A nação brasileira não tem tido devoção alguma á politica; pelo contrario; e é essa a falta mais grave que tem commettido; é talvez a que mais pesará na balança imparcial da historia para que lhe seja negada absolvição no processo que a historia já lhe vai instaurando pelo crime de ter deixado correr á revelia o plinto de honra em que pelo absolutismo e para o absolutismo forara adjudicadas suas mais caras liberdades, sem um protesto sequer que lhe salvasse a dignidade.

Ha por ahí um bando de aves de rapina, creaturas que vivem do thesouro publico, funcionarios ociosos que, em falta de um meio honesto de

vida laboriosa, acham mais commodo assentar-se descançadamente á mesa do orçamento, satisfazer a reprozada cobiça pelos meios illicitos das transacções com a consciencia, com a lei, com o patriotismo.

Cabalam nas eleições para a conservação nos altos cargos do estado dos individuos que lhes distribuem esse suave pão quotidiano.

Diz-se que fazem politica por sua conta e risco. Devoção ao egoismo, tem-na elles; á politica, não.

Dahi o mal de que padece esta misera nação. Os cidadãos honestos deixam passar o corriho, e—o que é mais grave—absolvem-no com a prudente abstenção em que se deixam quedar, na sombra.

O povo mudo o auxilia, ora voluntariamente, contra vontade outras vezes, porque tem medo do poder á quem elle serve, porque contra a prepotencia dos mandões que o dirigem não pôde refugiar-se na cobarde indifferença dos patriotas de sã consciencia, mas de nula vontade.

Procedem assim os ignorantes e os avisados; assim concorrem, passivamente uns, em plena actividade outros, para o anniquilamento da patria commum, justamente pela falta do que ao illustre collega se affigura a regra geral e o mal maior da nação: por falta de amor, por ausencia de devoção á politica—á essa alta e nobre sciencia que é antithese perfeita do egoismo porque é a directora e a regularisadora do patriotismo esclarecido, e cujos principios moralisadores deviam de fazer parte da aprendizagem elemental do cidadão de todo paiz que não seja a China ou a Turquia;—já não fallando no Japão que parece agora não poder mais ser posto em paralllo com o Brasil do século 19 e do sr. d. Pedro II.

Qualquer boçal africano ex-escravo, alforriado pela lei ou por um senhor caridoso, fica logo sabendo que tem direitos, exerce-os, insurge-se contra qualquer exigencia mais ou menos illicita do homem que o possui um dia e que elle obrigará reconhecer, queira ou não, que é inalienavel sua adquirida liberdade....

E um povo que se diz livre, que o foi effectivamente, por alforria ou esforço proprio, cuja a cabeça e deixa passar, acatando-a sem discutilla, a tenaz insistencia do imperturbavel senhor que, de... sino de seu primeiro servidor, se vai tra mandõ em amodo e exigente á impor-lhe as illegitimas exacções, á confiscar-lhe todos os direitos e liberdades, até fazel-o representar na comedia eleitoral de lacaino a conduzir á urna, como á fidalga de recente data mas cujo melindre é bom e conveniente poupar, o cairão do fidalgo velho, nobre de raça, de direito divino imperador, que por debique a comprimenta e mystifica!

E á este povo que não sabe, que não teve, com raras excepções, de quem aprender—na inexoravel resistencia do patriotismo consciencioso contra as invasões extra-l-gaes do poder—o que é politica, com pôde e como deve de ser politico para ter a liberdade e a dignidade da pessoa, a dignidade e a liberdade da acção e do trabalho de onde—só—vem á pobre humanidade a ventura e as satisfeytas commo-didades da vida....—á este povo que não cura de si nem da patria; que na descauidada indifferença com que carrega a leinha para a fogueira do sacrificio nem parece dar fé do genero que morre que para si proprio prepara e que em todo caso o cobria de infamia por que nem ao menos a resgatará e sanetificará na consciencia de um martyrio devotado e voluntario....—á este povo que nem indaga do rumo por onde l'vam a não onde abrigou a pessoa, a propriedade, a familia e a descendencia que é a pessoa e a familia na perpetuidade de seu miraculoso desenvolvimento,—tudo que mais ama e que mais deve de amar, seu presente e seu futuro, sua gloria e sua felicidade....—á este povo que se vem dizer que succumbe ao mal de devotar-se ao cumprimento de tantos deveres sacratissimos que elle ignora, de que nem desconheço ainda si quer, de cuja transgressão nunca lhe veio a menor turbacão ao espirito, a mais ligeira angustia ao coração!

E' irrisorio o diagnostico; é mais do que irrisorio: é cruel.

Quanto ao remedio que o illustre collega aponta, e que consiste em pôr-se cada cidadão á cuidar unicamente de seus interesses puramente individuais, em voltar-se para esse mais mesquinho lado da vida, deixando, elle povo, elle Titão, á Juniter a estrada franca para a escalada do Olimpo donde tirará ás mãos chias os raios com que poderá quando queira fulminar-o.... lembra-nos o conhecido epigramma do medico com o doente movendo.

Verificava o doutor uma apoplexia por indigestão e aconselhava rigorosissima dieta!

O doente... desde muito não sabia o que era comer:—matava-o a inanición.

O Brasil, ó o doente; o illustre collega o medico.

E' preciso confessar que a receita não vale o brilhante artigo com que seu autor a recommendou.

Agora, o contraste.

Veja o articulista o que diz a *Opinião Conservadora* (e é conservadora!), n.º 16:

«Na provincia do Piauby tudo quasi está por fazer.

«Cada qual dirigindo o labor de seu espirito á satisfacção immediata de necessidades pessoais e transitorias, desdenha os negocios relativos ao bem da communitade, de cuja realisacção só conta lhe vir algum proveito em tempo quasi sempre além do previsto pelos calculos egoisticos do individualismo; e dessa falta de confiança nos proprios esforços resulta o estranho facto de se ver a massa dos cidadãos dispensar os beneficios da associação para abdicar nas mãos do governo o exclusivo cuidado de velar na sua prosperidade, e de prover aos meios de sua existencia social.

«D'ahi a dependencia absoluta dos governados para com os governantes, e a immensa responsabilidade que a estes cabe como tutor daquelles, não só pelo mal que fazem, sinão principalmente pelo bem que deixam de fazer.»

«Onde a verdade, pois?

Concluiremos com as reflexões do periodico *Oitenta e Nove*:

«Desgraçado do povo que é considerado como um pobre orphão!

«Quando sahiremos desse vergonhoso estado de infancia interminavel, ou de idiotismo que parece incuravel?

«—Sómente no dia em que o pão do espirito for procurado soffregamente por todos, como uma necessidade real, tão urgente quanto as corporaes...»

«Quando chegará potem esse dia, só Deus o sabe!»

## A PEDIDO.

### A R. da «Opinião Conservadora.»

Os Srs. redactores da «Opinião Conservadora» querendo defender o Presidente da provincia, podião procurar outros recursos, e não dizer pela sua gazeta—porque razão solicita o emprego, por intermedio de seus amigos &c. —

E' esse um argumento que, alem de inexacto, foi provavelmente forjado com o fim de quererem, até certo ponto, vir desvirtuar o meu procedimento; vejo-me assim forçado á pedir aos Srs. redactores tenham a bondade declarar qual o meu amigo que teve semelhante proceder, pois que a minha consciencia me diz que a nenhum peli assim procedesse, e mesmo que se se desse esse facto ainda acho-me na ignorancia: se m'o declarassem, julgo que esse meu amigo teria a dignidade e coragem bastantes para dizer-lhes se lhe pedi alguma cousa.

Tenho por habito em minha vida não occupar os meus amigos em semelhantes pedidos; se alguém assim praticou, o fez sem a minha intervenção, n'este caso não sou responsavel pelos actos d'outrem.

Não desejo analysar o procedimento de pessoa alguma; tenho, porem, o dever de vir manifestar solemnemente ao Publico—que é esta a verdade, e a mesma opinião publica ahí está para comprehender e formar um juizo sobre o que se tem passado.

Quanto á «Opinião Conservadora,» e aos seus argumentos sobre o artigo que serviu de resposta ao «Oitenta e Nove,» ahí está o distincto redactor d'esto periodico, o qual como já prometteu ha de dar-lhes a competente resposta. Os Srs. redactores da «Opinião Conservadora» como escriptores e homens particulares podem aventar sobre o meu offerecimento as idéas que bem lhes approuver; mas não tem o direito de phantasiar certas particularidades, que, ainda uma vez,—repto, não são exactas.

Eis o que me diz a minha consciencia.

Dr. J. A. da Cruz.

A memoria do justo, he acompanhada de louvores:  
Parab. de Salomão.  
Cap. 10.—Ver. 7.

Fallo-vos senhores... da memoria que nos deixou, meu amigo Prazidio Francisco Torres que,

no dia 22 para 23 do corrente mez, foi Deus servido chamal-o d'esta para a vida Eterna. Como hoje faz o setimo dia, viemos commemorar e orar ao Altissimo por alma do finado: seus tios, irmão, parentes, amigos e conhecidos, aqui estamos em roda do sepulcro do falecido Prazidio... todos cobertos de luto, dor e tristeza, por termos perdido o joven de 22 annos de idade que á semana p. passada cheio de vida e de esperanças—era talvez o mais forte e vigoroso d'esta povoação, mas que, no fatal dia 22 deste mesmo mez, sendo accommittido do ataque de apoplexia, cahiu para não mais fallar, e nem se levantar! A morte rapida e inesperada deste joven, estimado por todos nós, tanto nos comoveo que, espontaneamente aqui nos achamos á orar—e metidos nas ruínas d'esta Capella da Conceição; (que se Deus não nos livrar d'um momento para outro po-lemos tambem aqui ficarmos sepultados!) como estamos vendo, está sendo pisado, e foçado, por animaes immundos!!! este lugar hento e sagrado! como he esta capella do Senhor do Bom-fim; onde jazem e serve de repouso aos restos mortaes de tantos nossos parentes, amigos e conhecidos—a quem veneramos e estimamos e quem ponhamos os titulos nos furão e serão charos?! e que agora se achão com as suas sepulturas—expostas ao abandono, notaberto—onde os animaes calcão, pisão, e.....

Ah! Senhores não acho expressões e m que vos explique, e vos exponha a justa dor que sinto por esta irrelição de nossa parte, falta de respeito para com Deus, falta emfim de respeito para com as sepulturas dos finados... Agora que neste lugar vejo reunido tantas pessoas d'esta povoação e de logares proximos—vos convido senhores, homens e mulheres, presentes e ausentes que, unidos a mim vamos já e já quanto antes desentulharmos estes montoes de ruínas, e arrearmos tudo, do santo logar; afim d'apurarmos e de gradarmos, para que ao menos fique um cemiteio fechado onde os restos mortaes repousem com o recato devido aos finados.

Em conclusão senhores, espero que os presentes digão conmigo — « Assim Deus permita que breve se faça o serviço e o mais preciso para que no logar sagrado não mais pisem animaes immundos.

—Visto como de tam bons corações o dissestes, senhores, por a minha parte vou já providenciar afim de que em brevidade, ajudo do Senhor do Bom-fim, á vossa e de muitos outros que conheço e desejo ver este sagrado logar reverenciado e respeitado, como deve ser—contô e espero em Deus Nosso Senhor, que muito breve, não mais animaes immundos aqui pisem?—por que; os que ajudarem á fazerem cousas do agrado de Deus serão acompanhados de louvores. O Altissimo nos ajudará, e do a-tante em que cantarmos em respeito armar onde jazem os restos mortaes de nossos semelhantes, parentes e amigos—creio piamente, sem medo d'urar, seremos mais felizes.—Assim Deus o queira. Conceição, 28 d'Agosto de 1874.

Antonio Moreira do Carmo.

## Bibliographia.

### Nunes Machado.

E' assim chamado o recente ensaio dramatico a dolo a luz pelo illustado sr. Dr. Aprigio Guimarães.

Fôrma um volume in-4.º de 99 paginas; impresso em Pernambuco, o typographia Commercial; consta de um prologo, tres atos e um quadro final.

A obra é dedicada á tres filhas do illustre autor, Celso, Elias e Hildebeto; á cidade de Goyanna, berço do herói; ao Club Popula Pernambucano.

Veude-se a \$6000 reis o volume brochado.

Os personagens do prologo são 8; 9 são os do drama propriamente dito, não fallando nos comparsas, isto é—homens do povo e soldados das lutas da revolução. Eis os nomes dos personagens: NUNES MACHADO, Lucinda, Laura, Jeronymo de Athayde, Freitas de Barros, Manoel Caetano, Beni Bittencourt, e João Sabino, que figurão no prologo; NUNES MACHADO, general Abreu e Lima, coronel João Paulo, coronel João Romão, Jeronymo d'Athayde, Freitas de Barros, João Sabino, Lucinda, e Laura, no drama.

Fizemos a litara d'esta obra no dia 7 de setembro, á noite,—em quinto, não longe de nós, n'um theatrinho particular (do qual allis soube a noticia) salta á scena as peças intituladas Amor e Política e Mandu quem póde.

Fôra ocioso dizer que o sr. NUNES MACHADO do sr. Dr. Aprigio Guimarães é uma obra de incomensavel merecimento, por mis de um titulo: de principio ao fim, orinda de tal sorte a attenção do leitor que não se fica satisfeito completamente, se não depois de se ter esgotado a materia,—precioso pábulo do espirito,—sobre tudo para o homem politico de elevados intuitos e de acrisolado patriotismo.

O sr. Dr. Aprigio Guimarães, escrevendo a obra de que nos occupamos, não prestou somente um relevante serviço ás letras; prestou-o tambem á patria, no sentido de educar, para bem servir-a,—animos varonis; cidadãos capazes de verdadeiro civismo; e de admiravel abnegação em prol do legitimo interesse publico, conspurcado sempre pelos tyrannos!

Por tanto, digno-se aceitar o distincto autor, que já tão sympathico nos era, os nossos cordiaes emboras pela sua brilhante estrea n'esse tão difficil ramo de litteratura. Permitta nos, com tudo, um ligeiro reparo, ou antes uma observação, talvez indiscreta; pedimos, todavia, para isso, a mais respeitosa licença,—uma vez que estamos habituado a consuevar-o antes como nosso mestre, do que como simples collega.

No que diz respeito á esthetica, a nossa competência é quasi nem uma; é pois bem provavel que não tenhamos razão; entretanto, não podemos resistir ao desejo de emitir com franqueza a nossa humilde opinião sobre dous pontos, em que não estamos de perfeito accordo com o illustre autor da citada obra.

Em primeiro lugar, nos parece que em vez de « ensaio dramatico » convinha antes ao Nunes Machado o titulo mais significativo de tragedia; si bem que, no sentido mais lato, a palavra—drama—se applique a todo poema composto para o theatro e representado uma acção tragica ou comica, ou simplesmente internedia.

Em segundo lugar, quizeramos não ter visto o nosso herói a dar beijões em Laura, uma moça de 17 annos; embora fosse isto (na frente e sobre a face) na occasião solenne de uma despedida, com toda a probabilidade de nunca mais voltar.

Bem sabemos que ha diversos galanteadores, até mesmo ingenuos,—que a civilização tem feito germinar e desenvolver-se vigorosamente—em todos os salões; entretanto, não duvidaríamos regeitar, ainda mesmo com a Historia, com tanto que o nosso herói não corresse o risco de poder ser d'alguma sorte confundido com um d'esses homens frivolos que por via de regra não deixão de ser, mais ou menos, uns refinados seductores, embora sob a capa de leaes cavalheiros.

Além disso, se Cidão não era lá tão severo quanto o tem affirmado os modernos tribunals; parece com tudo indubitavel que nós devemos encetar os grandes homens—mesmo aquelles que mais honrão a humanidade,—sempre á certa distancia; conveniente, com a devida luz; como se se tratasse de outros tantos retratos feitos á pincel, ainda o mais delicado.

Que não ha homem sem defeito—está subentendido; admiremos, nos entes privilegiados, aquillo que não é commum á especie e que a honra sobre modo,

## Nossa Senhora de Lourdes.

(AS MARAVILHAS DE)

Esta obra de monsenhor de Segur, vertida do francez para o nosso idioma, editada pelo sr. B. L. Garnier—é um volumezinho de 164 paginas, in-8.º que se vende na rua do Ouvidor n.º 65, no Rio de Janeiro, a 17000 reis.

« As maravilhas de N. S. de Lourdes » intitula-se tam bem—Estupendos milagres acontecidos em nossos dias; é um livro preciosissimo para as beatas ignorantes e ainda para os letrados corypheos da grande legião ultramontana. Um editor como o sr. Garnier tem na verdade precião de servir, a contento, toda sorte de seus numerosos frequentes; fez bem, por tanto, em publicar o livro de que fallamos. Entretanto estimariamos mais—ver traduzido e editado em portuguez algum volume da e Bibliotheca das maravilhas a v. g. Grutas e cavernas, onde se falla da celebre Mammoth, do Paus-yippo &.

Bernadette nos pareceo uma menina ardilosa, muito propensa ao officio de sibylla ou artista da tipode.... Outros a considerão como uma santa, e por isso gustão de ler e até mesmo de decorar as manhas e peçoas transfigurações de-ssa ANGELICA velhiquete; concordamos, nesse caso, que é necessario servir tambem a essa sorte de leitores,—certamente de um gosto mais delicado do que os amigos de romances immoraes.

Apenas nos assalta um receio: é que com esses CORTOS INVENOSMEIS possa augmentar se n.º dos idiotas—de bentiños ao peçoço e de s-lragem intoleraancia, movida pelo feroz fanatismo ou cego exaltamento religioso.

## NOTICIAS.

**PARTIDA.**—Lê-se na Fraternidade do Ceará, de 25 do mez proximo passado.

No dia 20 do corrente seguiu no vapor « Bahia » para a provincia do Pará, onde vai exercer o lugar de juiz municipal e orphão dos firmes de Milgão e Oeiras, o nosso illustado e talentoso Dr. Dr. Xildereio Arraipo de Faria.

**Fallecimentos.**—a população d'aquelles termos por tto acertada nomeação.

O Dr. Xildereio, há pouca idade que conta, tem penhorado á quantos o conhecem, por sua illustração, intelligencia, firmeza de caracter e delicadeza as grandes idias.

Desajamnos ao nosso Dr. e amigo uma prospera viagem, e occasião de ainda uma vez confundir a seus os detractores.

**FALLECIMENTO.**—Lê-se no Brado Democratico da cidade de Vasouras, de 20 do mez proximo passado.

Falleceu na corte, no dia 11 do corrente mez, com 85 annos de idade, o Dr. Pedro Bandeira de Gouvêa medico distinctissimo pelo saber e pelo coração.

Quirgado pela profusão desde moço a penetrar constantemente no lar da dor, não era natural que o Dr. Bandeira de

Gouvêa não se afeiçoasse muito com aquelles que soffrião. Com effeito, conhecendo de perto o povo, e sabendo-lhe por analogia das necessidades e dores, que lhe ito n'alma, não pôde deixar de sentir o coração bater-lhe como medico e patriota.

Elle exercia, pois, ao mesmo tempo as duas mais sagradas profissões; a do medico e a do politico. Como medico, já o dissemos, era um sabio e como politico, um dos mais desinteressados democratas.

Não sendo nosso fim, escrever a biographia do Dr. Bandeira de Gouvêa, limitamos a acompanhar sua familia na grande dor, que lhe magôa e a derramar nossas lagrimas, que não terão a magia de consolal-a, mas que certamente, exprimem bem os nossos sentimentos.

**GERALDO MIRA.**—Lê-se na Provincia de Pernambuco de 28 do passado.

Este laborioso e honrado homem do povo, este habil artista typographo, este emprezario typographico amigo das letras patrias, já não é do numero dos vivos.

A Provincia dá testemunho do seu pezar.

O cadaver de Geraldo Mira achou lugar no cemiteio publico a muito custo.

Porque?  
Bom pai de familia...  
Bom cidadão...

Mas, foi amigo intimo de Abreu e Lima, offereceu-se por elle aos odios do padre Campos, imprimio os livros do illustre pernambucano.

Pois isto não é peior do que matar um homem ou prostituir uma donzella, apresentando depois bilhete de confissão?

Ora, porque não foi o cadaver do bom filho do povo para junto da ossada do amigo?

Porque lutaram alli no cemiteio publico, para que os restos de Geraldo não fossem parar ao cemiteio inglez?

Até onde chegará a insensatez d'esta terra?

**AMARRAÇÃO.**—Esta povoação, que geographicamente é piauihyense, foi elevada a categoria de villa por lei provincial do Ceará—n.º 1596, de 5 de agosto proximo findo.

**CUBA.**—Nesta ilha continúa a insurreição. Os patriotas cubanos, apesar da perseguição tenaz e despotica, de que são victimas, proseguem resolutos—defendendo a santa causa da emancipação politica da sua patria.

**CHICAGO.**—Esta importante cidade dos Estados Unidos acaba de soffrer novamente de grande incendio: forão construidas 15 quadras com 1700 casas.

**BAZAINE.**—Este traidor, que se achava cumprindo sentença, evadido-se no dia 10 do mez passado; deixando a fortaleza de S. Margarida: dirigio-se a Leorne e d'alli á Colonia.

**ESTUDOS GEOLOGICOS.**—Lê-se no Pedro II:

Lesseps, em uma sessão da academia das sciencias de Paris, leu uma memoria onde se encontram dados curiosos que provam que, em epocas remotas, o centro da Africa estava coberto pelas aguas do mar.

Este vasto oceano do Sahara—tinha por limites o Atlas e o Aures. O norte da Africa era uma peninsula unida á Hespanha. Não existia o estreito de Gibraltar, e o Mediterraneo communicava no oceano pelo mar que cobria o chamado hoje deserto do Sahara.

O canal, que se poderia abrir para pôr de novo em communicação o mar com o interior da Africa, só devia ter, segundo Lesseps, uma longitude total de 8 kilometros.

Os gastos ascenderiam a um milhão por kilometro, ou 9 milhões por todo o canal, quantia insignificante, considerados os immensos resultados que o commercio poderia obter.

**O PODER DO FANATISMO.**—Lê-se na Familia Maçonica:

Em Italia, na communa de Vitruaccio, passou-se uma scena tragica, que leve por model o fanatismo religioso.

Havendo corrido o boato de haver algum roubado as alfaias da Madona della Pietra, o povo correu em massa á igreja, e alli encontrou uma mulher á quem alguns guardas nacionaes rodeavão.

Isto bastou para alguns da multidão começarem pedindo em gritos que fosse tirada a vida á desgraça da mulher, que tomara como autora do furto.

Entre os enrugamentos se contavão muitas mulheres.

—Foi ella! foi ella! bradavão os furiosos, quem roubou as joias á Madona!

—Foi! foi! respondião: o sacristião lhe encontrou os collares, aneis e brincoes escondidos no seio.

—Oh! que infame!

—Matemol-a!

—Despedacemol-a!

—Lapidemol-a!

A tres incitamentos a multidão cahio louca de raiva sobre a desventurada.

Centos de mãos armadas de pedras disputavão a gloria de ferir a supposta ladra, de fórma que em alguns minutos era um cadaver informe.

Vejo a que desvarios conduz uma errada educação religiosa, e como em vez de almas cordatas e caridosas, se formão pantheras e tigres.

**BELLEZAS MONARCHICAS.**—Lemos as seguintes noticias no Coarense n.º 67:

—Os carlistas levantaram o cerco de Figueras, assassinando 320 feridos republicanos; D. Alfonso, irmão de D. Carlos, está ferido n'um braço. Cabrera recusa-se a tomar parte no movimento carlista.

—Os carlistas apoderaram-se de Cuenca, praticando as maiores barbaridades.

O general Iglesias, commandante da praça e todos os officiaes e soldados cahiram prisioneiros.

Dado o signal de saque e matança, começaram os barbaros a obra nefanda.

Atearam fogo nos edificios publicos, saquearam as casas e assassinaram seus habitantes. Levaram 2 annos de contribuições, roupas e comestiveis, e destruíram as fortificações.

Os carlistas eram em numero de 12000, sob as ordens de Freixas, do padre Felix e do conego Villalain.

Locaram os cadaveres nas fogueiras de proposito para os queimarem.

Os prisioneiros foram conduzidos para Chelia e os proprios cadaveres dos seus soldados serviram de barricadas aos vencedores para avançarem até o ponto que desejavam tomar.

Suppõe-se que houve traição da parte dos defensores da praça, pois só assim se explica a entrada de 4000 carlistas na

fortaleza de Cuenca, que o general julgava em poder de suas tropas.

As medidas extremas tomadas pelo governo hespanhol em consequencia desse desastre provam a gravidade da situação da causa liberal.

Toda Hespanha foi declarada em estado de sitio, sequestro dos bens pertencentes aos individuos que fazem parte dos bandos carlistas e outras medidas.

Foram chamados as armas 125000 homens da reserva extraordinaria de 22 a 35 annos, ordenou-se a dissolucao de todas as sociedades, seja qualquie a sua classe, condicao e objecto.

O general Pavía foi nomeado chefe do exercito do centro. Os ultimos telegrammas dizem o seguinte:

Resgate de 700 prisioneiros de Cuenca, e apresioados 7 chefes carlistas; inclusive o Barão de Bernicario, fazendeiro muitas mortes e prisioneiros e tomando-lhes armamentos e munições.

Cuenca ardeu com os archivos. Os carlistas roubaram o dinheiro das cofras publicas. Descubriram-se 34 cadaveres de pessoas assassinadas nos domicilios de tal modo retalhados que é impossivel reconhecê-l-os.

MAIS BELLEZAS.—Lê-se a um boletim de noticias do País, datado de 27 do passado.

Um correspondente de Madrid refere o seguinte dito do bispo de Cuenca a Infanta D. Maria das Neves, casada com D. Alfonso:

Por este caminho, senhora, nem se ganham throno na terra nem cordas no céu.

O piedoso prelado tinha ido invocar a clemencia de D. Maria das Neves em favor dos habitantes de Cuenca, victima da furia da soldadesca carlista, e a infanta respondera-lhe desabridamente e com ameaças.

O mesmo correspondente narra o seguinte caso, que custa a crer, mas que todas as pessoas referem em Madrid:

Dormia a princeza placidamente a sua sesta, enquanto perto della era barbaument violentada uma joven. Já 25 horas haviam marchado com brutal crueldade as suas flores virgíneas. Preveniram D. Maria das Neves d'este crime inaudito, esperando que ao menos em nome da dignidade femina, a infanta obstasse á inqualificavel infamia dos seus sequazes. Diz-se que a princeza respondeu: «Deixal-o!... que lhes hei de eu fazer?»

Não fez nada, e a pobre rapariga morreu victima da brutal sensualidade dos defensores do throno e do altar.

A infanta D. Maria das Neves, a quem os hespanhões chamam D. Branca, é filha do Sr. D. Miguel de Bragança. Mostrárase em toda a campanha da Catalunha heroína e dotada de sentimentos piedosos, a ponto de ser respeitada pelos proprios liberais; depois das atrocidades de Cuenca, o seu nome é alvo da reprobacao e maldicao geral. Tem 22 annos apenas.

Já virão os leitores—sobrezza igual ao dessa infante princeza?

EM TRANSITO.—Aqui esteve alguns dias o sr. dr. Aristides Cesar d'Almeida; partindo para Maranhão na manhã de 27 deste.

Desejamos boa viagem ao illustre transeunte; a quem, por uma circumstancia fortuita não nos foi possível comprimentar pessoalmente, como ántes desejávamos.

D'aquí lhe enviamos um aperto de mão.

HOSPEDE ILLUSTRE.—Acha-se entre nós o sr. dr. Manoel Antonio da Silva Reis, um dos engenheiros de que trata a nossa resolução provincial n.º 853, de 2 de julho deste anno; o qual veio a esta capital contratar com a presidencia da provincia a construcção da via férrea que deve ligar Amarante, Geiras e Valença,—conforme a citada resolução.

Sabemos que o sr. dr. Reis é um cavalheiro muito distincto; nós o comprimentamos, pois, affectuosa e respeitosa mente. Desejamos que S. S. seja feliz, tanto em sua viagem—como no negocio de que veio tratar; o qual importa igualmente um grande melhoramento material para esta provincia, por cuja prosperidade fazemos incessantes votos.

RECEBIMENTO E AGRADECIMENTO.—Chegou-nos ás mãos, offerecidos pelos seus autores ou editores, os seguintes productos da imprensa:

HISTORIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO, pelo padre Claudio d'Abbeville; traduzida e annotada pelo dr. Cesar Augusto Marques.

EUNOIA, jornal hespanhol, publicado em Lisboa, em grande formato; redigido por varias notabilidades europeas.

Apesar dos compromissos numerosos que já tenho (veja-se o n.º passado deste periodico) esperamos contido dar nossa opiniao, sobre a obra e jornal supramencionados, na secção bibliographica e em tempo opportuno.

PROFESSORAS.—Informão-nos que algumas professoras do interior da provincia achão-se sem discipulas e todavia vão fazendo jus ao recebimento dos ordenados. Deus queira que não sejam exactos esses boatos que teem chegado até o nosso humilde gabinete.

ANTIGO THEATRO.—Este edificio publico acha-se reconstruido; mas de modo a se prestar a fins diversos: a uma escola de 1.ª lettras, de um lado, e á bibliotheca n'outro compartimento.

RAMPA.—Consta-nos que se acha precisando de concertos a rampa que fica no porto fronteiro á casa do mercado publico.

ACAUTELAR.—O sr. Rio Branco serviu-se desta sublime expressão, fallando dos dinheiros publicos e do sr. conde d'Aquila!

Não resta duvida que este fino ratão é bem amigo de queijo londrino, e o pobre visconde não se atreve, habil como é, a pegal-o com as mãos e arrastal-o das tentadoras pitanças!...

Uma ratoeira, uma ratoeira, — vamos que dissesse por ahí algum simplorio.

Pois que! Pode-se armar similhante cilada a um principe?... Isto seria uma traição, indigna de um homem de bem: só algum vilão poderia commetê-la.

O visconde é bem esperto: esperamos que elle fará, para com o sr. conde d'Aquila, o que poderia fazer o gato mais destre e mais limpo no officio de policiar uma despena....

Ora, quem dança a Palomita é bem capaz de pegar um pato com as mãos....

UMA ESPERTEZA PRINCESCA.—Do Colombo tomamos esta transcripção do Apostolo:

O sr. Duque de Saxe, almirante da armada lusalleira, segundo somos informados; acaba de dirigir ao sr. ministro da marinha o seguinte officio:

Illm. e exm. sr.—Como por ora não posso regressar ao imperio, haja v. ex. de enviar-me uma prorrogação de licença. Deus guarde a v. ex.—Duque de Saxe.—Sr. João Ribeiro da Luz.

Como se vê, é mais uma ordem do que um pedido!

Além disto notam-se as seguintes irregularidades:

1.ª O pedido devia ser feito em requerimento e não por officio;

2.ª O principe não dá satisfação por que se demora na Europa;

3.ª S. alteza assigna-se sobre o sr. João Ribeiro que é superior!

Porque não aconselhou o sr. ministro do imperio que fosse devolvido semelhante officio para que o seu autor o redigisse em termos?

Seu que houvessem commettido a menor falta, foram devolvidas as representações dos illustres bispos de Diamantina e de Goyaz!

E' que os srs. d. João Antonio dos Santos e d. Joaquim Gonçalves de Azevedo são bispos da Igreja Catholica, e o sr. Duque de Saxe é um viuvo honesto com 80:000\$000 de renda, o que faz seu peso....

Eis a differença!

Até o nome do pobre ministro (ente o' seguro na verdade!) foi estropiado de um modo curiosissimo pelo VALDIVINO de sangue azul!

Estaria em jejum o allemão?... E' bem provavel que o famoso ALMIRANTE estivesse em estado de premar....

JUSTA APRECIACÃO.—O seguinte é extrahido do Jequitinhonha n.º 242:

Lemos no Diario Official que sua magestade o Imperador houve por bem prorogar por mais seis mezes a licença concedida a sua alteza real seu genro o sr. marechal do exercito conde d'Eu, e por mais um anno a licença concedida ao sr. almirante, também seu genro, o duque de Saxe para poderem continuar a residir fóra do imperio.

Os motivos que levarão sua magestade a prorogar estas licenças são provavelmente: ao sr. conde d'Eu porque está nos felicitando, dando garantias á estabilidade da monarchia, tornando esperancosa a princeza imperial; quanto ao sr. duque de Saxe, porque... porque este está se divertindo.

Não nos dirá sua magestade qual a razão porque não consente que membro algum da familia imperial resida no Brazil? A todos elles dá sua magestade pingues verbas no orgamento, e manda-os divertirem-se na Europa, bem entendido só na Europa, nos paizes montreihicos: e não os quei sua magestade em parte alguma do Brazil.

Se ao menos o dinheiro nosso, que recebem esses divinos parasitas fosse despendido no país,.... embora nos bordeis on nos cafés. Ficava no imperio esse suor do povo, como capital reproductivo.

Mas sua magestade não quer, não consente; e lá vão esses vadios despendem em paizes estrangeiros o dinheiro que lhes damos para viverem na ociosidade.

E sua magestade não se esquece de conceder-lhes licenças para residirem fóra do imperio, licenças que todos os annos são...preterivelmente prorogadas.

Sabe o leitor qual a razão porque sua magestade concede essas licenças e as proroga como os annos?

E' porque sem ellas os divinos parasitas não podem receber ordenados e dotações, visto que são obrigados a residir no Brazil.

Assim o conde d'Eu é marechal do exercito, e o duque de Saxe é almirante.

Residindo na Europa não podem receber soldo; mas se a ausencia de seus paizes é com licença de sua magestade, o caso é differente: é como se estivessem no país.

E' como também succede com o devasso conde d'Aquila, cunhado de sua magestade.

Todos os annos imprerivelmente, no dia de S. Silvestre, 31 de dezembro, lavra-se um decreto, prorogando-se a licença que sua magestade deu-lhe para residir na Europa. Sem essa licença e sem essa prorrogação annual não podia o conde d'Aquila receber os 102:000\$000 que todos os annos recebe. Eis a cousa explicada.

FALLECIMENTO.—No dia 24 do corrente, depois de 54 dias de molestia, deu a alma ao Czarrok—o sr. Isaias Pereira da Silva, que apenas contava 26 annos de idade, e 11 mezes de casado—com uma filha do fallecido major Paiva, de cujo consorcio deixou um filhinho.

Lastimoso successo na verdade!

Enviamos nossos pezaros a Ex.ª viuva; ao sr. tenente coronel Felix Pereira da Silva, seu digno pai, e aos mais parentes do illustre finado, por cujo eterno descanso fazemos ardentes votos ao Todo Poderoso.

OUTRO.—No dia 25 do corrente, ás 7 horas da manhã, depois de 53 dias de palecimento, subiu ao seio immenso do Eterno o espirito do joven Carlos d'Almeida Martins Vianna; filho do sr. tenente coronel Antonio Martins Vianna.

Não havia ainda completado 20 annos!

Era uma physionomia attractiva; uma intelligencia capaz de bons fructos, ainda que pouco cultivada; um coração aberto aos influxos da liberdade!

Nossos pezaros se confundem, ainda neste momento, com os de seus mais extremos parentes.

Dirijamos, todos nós, uma supplica ao Altissimo, e um pedido de perpetuas sobre a sepultura do estimado mancebo.

# ANNUNCIOS?

## Ensino particular.

DAVID MOREIRA CALDAS roga a todos os senhores que teem meninos em sua aula—o obsequio de lhe mandarem regularmente, no principio de cada mez, satisfazer a importancia do ensino.—podendo serem os mesmos meninos os portadores das quantias, e dos competentes recibos depois de entregues estas; como, ha bastante tempo, acontece com alguns senhores, DE SEU MOTE PROPRIO.

Previne, outro sim, que é de estylo pagar-se a mensalidade por inteiro; ainda que o menino não tenha frequentado todo o mez. Exceptua, todavia, o caso de molestia grave, por uns vinte dias; caso em que não receberá pagamento algum por meia dúzia de dias que tiver leccionado ao alumno.

Antonio Martins Vianna e seus genros agradecem, por meio d'esta a todas as pessoas que se dignarão visitar a seu muito presado filho e cunhado Carlos d'Almeida Martins Vianna, no seu leito de dor,—e á aquellas senhores cuja dedicacão chegou ao ponto de velarem á cabeceira do enfermo e assistirem-lhe até os seus ferradeiros momentos de existencia.

Convidão, outro sim, aos amigos do finado, para assistirem a missa do 7.º dia, que terá logar na capella do cemiterio, ás 5 horas da manhã do dia 1.º de outubro proximo.

Theresina 28 de setembro de 1874.

Os Drs. Simplicio de Sousa Mendes, commissario vaccinator provincial e Raimundo de Arêa Leão, Medico do Partido Publico desta cidade declaram a todos os habitantes desta capital e provincia, que todas as quinta-feiras das semanas praticão a vaccinação no Hospital da Santa Casa, das 8 ás 9 horas da manhã.

D. Raimunda Joaquina de Aguiar vende a casa de sua propriedade sita na Praça da Constituição desta cidade, quem a pretender comprar dirija-se ao capitão João de Castro Lima e Abneida. Theresina 1.º de setembro de 1874.

## Os mysterios do Rio de Janeiro.

COM GRAVURAS CHARACTERISTICAS HISTORIA OCCULTA DESTA CDADE! Seus usos e costumes, vicios e depravações. PREÇOS 600 rs. por caderneta. ASSIGNA-SE POR 40 cadernetas. . . . . 58000 20 ditas . . . . . 95000 50 ditas . . . . . 150000 Já sahiram á luz 1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª e 6.ª cadernetas!

LIVRARIA E. DUPONT 71 RUA DE GONÇALVES DIAS 75 Já está no prelo a 7.ª caderneta.

## O DIREITO REVISTA DE

Legislação, Doutrina e Jurisprudencia Publica-se duas vezes por mez (NO RIO DE JANEIRO) ASSIGNATURA.—20:000 REIS POR ANNO PAGOS ADIANTADOS.

As assignaturas vencem-se no dia 0 de junho. Aos seus res assignantes que se achão em atraso no pagamento das suas assignaturas, roga-se o favor de satisfaz-las com brevidade; e aquelles que tiverem falta de alguma caderneta, por ter sido interrompida a remessa do jornal, por falta de pagamento, podem reclama-las, que, pagando as assignaturas atrasadas serão attendidos

Agente em Theresina MIGUEL DE S. BORGES L. CASTELO BRANCO.

## Historia da Missão

DOS PADRES CAPUCHINHOS na ilha do Maranhão e suas circumsinhanças pelo

PADRE CLAUDIO D'ABBEVILLE Traduzida e annotada pel DR. CESAR AUGUSTO MARQUE Acha-se a venda esta important obra em Theresina, á rua;Grão, na loja de Marcellino José Coto a 48000 reis em brochura, um tomo 4.º de 456 pags.

Theresina.—Imp. do typ. de David M. Caldas.—Rua de Palmares—1874.